

# DISCURSIVIDADES DE SUSTENTABILIDADE DE VOZES- LETRAS EM CARTAS NEGRAS, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

## DISCURSIVITIES OF SUSTAINABILITY OF VOICES-LETTERS IN BLACK LETTERS, OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Rubens Martins da Silva 1  
Eliane Cristina Testa 2

Graduado em Letras pela UNITINS/TO. Graduado em Pedagogia 1  
pela Faculdade AD-1/DF. Especialista em Gestão Educacional e Metodologia  
do Ensino de Linguagem: Língua Portuguesa, Artes e Educação Física pela  
EDUCON/PR. Especialista em Tecnologias em Educação pela PUC-Rio/RJ.  
Mestre em Letras pela PUC Goiás/GO. Doutorando do Programa de Doutorado  
em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela UFT/Câmpus Araguaína/TO.  
E-mail: rubensliteratura@gmail.com

Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP - 2015), Mestrado 2  
em Letras pela UEL- Universidade Estadual de Londrina (2002). Atualmente  
é professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade  
Federal do Tocantins /UFT/câmpus de Araguaína. E-mail: poetisalia@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo analisa discursividades de sustentabilidade de “vozes-lettras” de mulheres negras manifestadas no projeto Cartas Negras, de Conceição Evaristo, considerando que essas narrativas da epistolografia contemporânea possibilitam uma leitura sobre o espaço social dessas mulheres. A base teórico-metodológica mobiliza teorias da sustentabilidade, em Hargreaves e Fink (2007); da análise de discurso, em Pêcheux (2015); da literatura contemporânea, em Dalcastagnè (2012), e do feminismo negro, em Ribeiro (2017). No foco da literatura contemporânea, as “vozes-lettras” de mulheres negras são analisadas porque seus discursos emergem do locus social de invisibilidade para o de emancipação. Nessa perspectiva, problematizamos que os discursos de sustentabilidade em Cartas Negras apontam que as “vozes-lettras” de mulheres negras se encontram, na maioria das vezes, em um status à margem da sociedade, pois esbarram nas hierarquias de controle e nos discursos hegemônicos.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Análise de Discurso; Cartas Negras; Conceição Evaristo.

**Abstract:** The article analyzes the discursivities of sustainability of “voices-letters” of black women manifested in the project Black Letters, of Conceição Evaristo, considering that these narratives of the contemporary epistolography make possible a reading about the social space of these women. The theoretical-methodological basis mobilizes theories of sustainability, in Hargreaves and Fink (2007); of the discourse analysis, in Pêcheux (2015); the contemporary literature, in Dalcastagnè (2012), and of black feminism, in Ribeiro (2017). In the focus of contemporary literature, the “voices-letters” of black women are analyzed because their discourses emerge from the social locus of invisibility to that of emancipation. In this perspective, we problematize that the discourses of sustainability in Black Letters point out that the “voices-letters” of black women are, in most cases, in a status at the margin of the society, because they run up against hierarchies of control and in the hegemonic discourses.

**Keywords:** Sustainability; Discourse Analysis; Black Letters; Conceição Evaristo.

## Considerações iniciais

A partir de estudos realizados em uma disciplina de doutorado, a presente análise tomou como recorte da literatura contemporânea, o estudo do projeto *Cartas Negras*, de Conceição Evaristo (2017), cuja filiação ideológica tem como alinhamento a identificação do espaço de participação social e cultural de mulheres negras. Sobretudo, objetiva a identificação das vozes destas mulheres através de relatos construídos por meio de cartas.

O ato de refletir sobre discursividades de sustentabilidade a partir das cartas em análise, as quais chamamos de “vozes-letras”, nos traz oportunidades de reflexões teórico-críticas sobre a emancipação e o empoderamento das mulheres negras, em seus múltiplos espaços sociais. Nesse viés, percebemos que a análise de obras da literatura contemporânea permite o alcance de uma visão reflexiva de como as mulheres negras são vistas, o modo como elas se veem, e ainda, o modo como elas são silenciadas em determinados espaços sociais.

Neste artigo, mobilizamos, enquanto base teórico-metodológica, teorias da sustentabilidade, em Andy Hargreaves e Dean Fink (2007); da análise de discurso, em Michel Pêcheux (2015); da literatura contemporânea, em Regina Dalcastagnè (2012), e do feminismo negro, em Djamila Ribeiro (2017).

Com foco no que já foi exposto, a análise das “vozes-letras” presentes nessas missivas revela, que os discursos de mulheres negras fazem vir à tona uma busca pelo lugar de fala, perspectivando espaços de luta e de resistência, inclusive para que elas alcancem uma transcendência social.

Justificamos a análise de discursividades de sustentabilidade porque elas indicam possibilidades de compreendermos as “vozes-letras” de mulheres negras. Além de entendermos que suas contribuições são fundamentais às práticas de leitura literária, que, porventura, possam vir a ser mobilizadas no exercício da educação básica e/ou superior.

No viés da sustentabilidade, a partir dos princípios de sua tríplice fronteira: profundidade, durabilidade e amplitude (HARGREAVES; FINK, 2007) tomamos os pressupostos da análise do discurso (AD), em Pêcheux (2015), para delinear que a literatura contemporânea, no recorte já apresentado, consegue discutir pressupostos da equidade social e da valorização das mulheres negras através de sua interlocução com diferentes gerações de leitores, inclusive os que se encontram nos espaços escolares da educação básica.

A estrutura deste artigo está dividida em três pontos de abordagem, sendo eles: (i) o primeiro ponto problematiza a sustentabilidade das “vozes-letras” de mulheres negras na condição de uma base, ou seja, de um elemento que aprofunda o espaço social de mulheres através de suas expressividades na literatura contemporânea; (ii) o segundo, problematiza os discursos de mulheres negras sob o eixo da análise do discurso, o qual projeta a perspectiva da posição-sujeito diante do contexto social; (iii) o terceiro e último, problematiza fundamentos teóricos da literatura contemporânea para referenciar que a mulher negra tem direito à voz e à visibilidade, mesmo advindo do fenômeno epistolográfico literário.

À guisa provocativa, problematizamos, a partir da análise do projeto *Cartas Negras*, que as discursividades de sustentabilidade da literatura contemporânea promovem oportunidades de estudo, porque evidencia a posição ideológica de mulheres negras, também manifestadas em suas posições-sujeito, e em seus diversos espaços imaginários de suas vivências sociais.

## Princípios da sustentabilidade: uma contextualização

Neste tópico, problematizamos a questão da teoria da sustentabilidade (HARGREAVES; FINK, 2007), com base em seu tríplice elemento: a profundidade, a durabilidade e a amplitude. Para tanto, justificamos a mobilização desta base teórica como objeto de campo das narrativas contemporâneas por entendermos que ela sustenta, além de se fazer ouvir, a singularidade das “vozes-letras” de mulheres que se encontram, em sua maioria, às margens da sociedade.

No centro da produção literária atual, as reflexões sustentáveis apresentadas em pesquisas de Hargreaves e Fink (2007) permitem a propagação equânime das “vozes-letras” de mulheres negras para o alcance de múltiplos espaços sociais. Além disso, essa discursividade revela possibilidades de mudanças extremamente necessárias àquelas deixadas comumente às margens sociais.

Oportunamente, a discussão sobre as vozes de mulheres negras é analisada sob o crivo de uma sustentabilidade limitada em seus campos objetivos. Afinal, a tentativa de solidificação não se

faz por vias sempre gloriosas. Isso se dá, principalmente, porque as “[...] mudanças ou os avanços na educação são fáceis de propor, mas são difíceis de implementar e extraordinariamente mais difíceis de se sustentar” (HARGREAVES; FINK, 2007, p. 11). Nesse foco, os espaços de emancipação das mulheres sempre passam por percalços, pois nem tudo o que se escreve ou se diz, quer dizer, se discursiviza, atinge o lugar de seus acontecimentos. Em *Cartas Negras*, isso é percebido quando se constata os entraves, ou seja, as dificuldades que as mulheres negras enfrentaram e ainda enfrentam em suas atividades diárias.

Nota-se que as mudanças para os discursos de sustentabilidade dos espaços de “vozes-lettras” das mulheres negras estão centradas nas perspectivas da superação. Oportunamente, isso se dá perante a força dos discursos literários, principalmente quando eles nos possibilitam análises e discussões que estão nas pautas da contemporaneidade.

Dar o devido lugar de fala, com dignidade, às mulheres negras por meio dos discursos enquanto construção literária é permitir a sustentabilidade para a efetivação de objetivos e de “sonhos” (como identificamos nas cartas) que se encontram, talvez, silenciados. É nesse tom que a discursivização das mulheres negras avança de si e para além de si. E, por conseguinte, esse tom nos permite discuti-lo em diferentes espaços sociais.

Na perspectiva do princípio da profundidade, damos voz à concepção de que a sustentabilidade tem seu foco centrado na equidade social, ou seja, no estabelecimento de nossas relações com os outros e na garantia dos espaços de suas vozes, inclusive as pronunciadas por meio da construção literária. Esse modo de defesa discursiva, conforme afirmam Hargreaves e Fink (2007, p. 31), “preserva, protege e promove o aprendizado amplo e profundo para tudo o que está relacionado ao cuidado com os outros”.

O reconhecimento das “vozes-lettras” de mulheres negras está centrado no eixo da profundidade porque se efetiva pela maturidade, ou seja, pelo discurso refletido sem muita pressa. Afinal, a essência do discurso está centrada na perspectiva da busca, mesmo que sua consolidação ocorra lentamente. Nesse ponto, Hargreaves e Fink (2007) pontuam que o ato de reconhecimento das vozes é complexo e lento.

As águas calmas correm com constância. [...]. Assim, o conhecimento lento é também essencial ao se abordarem problemas complexos e interconectados, que exigirão quantidades cada vez maiores de inventividade social para serem resolvidos (HARGREAVES; FINK (2007, p. 45).

Com base no princípio da durabilidade, reconhecemos que a sustentabilidade das “vozes-lettras” só alcança seus lugares quando as reflexões, em relação à concretização dos objetivos e dos sonhos das mulheres negras, são percebidas, segundo Hargreaves e Fink (2007, p. 24), pelo entendimento de que “a durabilidade preserva e faz evoluir os aspectos mais valiosos da vida ao longo do tempo, ano após ano. [...], inclusive para a percepção da mudança educacional”.

A durabilidade evoca o discurso de consolidação dos objetivos da geração atual e, por conseguinte, das futuras. Desse modo, o discurso constituído é o que sai do sem-lugar para o lugar de fundação (ORLANDI, 2015). Em outros termos, as “vozes-lettras” registradas por mulheres negras serão reconhecidas ao longo dos tempos.

Os pontos refletidos sobre a profundidade e a durabilidade permitiram-nos que chegássemos ao espaço do terceiro princípio, o da amplitude. Por meio dele é que se espera o início de novas perspectivas. Na verdade, de conquista de novos espaços, que neste caso, é o das mulheres negras. Notadamente, este princípio é primordial porque consolida a realização das mulheres negras em seus múltiplos espaços sociais.

Entendemos, portanto, que o foco da amplitude é sustentável porque favorece a constituição de discursos centrados em acontecimentos (ORLANDI, 2015). Nesse caso, os discursos proferidos nas “vozes-lettras” indicam a solidificação deste princípio. Sobremaneira, porque configura o funcionamento dos discursos que dão lugar ao sujeito, as mulheres negras, como forma de validar suas falas, suas vozes, mediante a potencialidade de novos discursos. Há, portanto, uma busca social que aprofundará a sustentabilidade das mulheres negras.

No conjunto dos princípios referenciados, justificamos a mobilização teórica da

sustentabilidade para afirmarmos que as “vozes-lettras” de mulheres negras são divulgadas, também, por meio da literatura contemporânea para lhes assegurar os espaços de seus empoderamentos, compreendido por Ribeiro (2018, p. 135), “como uma luta pela equidade”. Do contrário, poderíamos questionar: afinal, quais espaços as mulheres negras conquistariam se eles não se projetassem pela sustentabilidade de seus discursos, principalmente os encontrados na escrita literária?

### **Alguns pressupostos da Análise de Discurso**

Neste tópico, problematizamos que o estudo da literatura contemporânea está amplamente centrado nos pressupostos da análise de discurso. Isso se dá, fundamentalmente, para que as “vozes-lettras” proferidas por mulheres negras saiam do sem-lugar, ou espaço de invisibilidade, para o de emancipação. Para tanto, recortamos os pressupostos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa nas elaborações enunciativas de Pêcheux (2015), pois estes nos permitem identificar os discursos proferidos em seus diversos contextos.

Neste artigo, o recorte sobre as “vozes-lettras” de mulheres negras é analisado no foco da “terceira época – 1980 a 1983”, de Pêcheux. Época em que ele aprofundou os estudos da AD através da discursividade, cujo conceitos teóricos estabelecem relações com a tríade: língua (Saussure), materialismo histórico (Marx) e psicanálise (Lacan).

No discurso de Saussure (2006), a língua, enquanto materialidade da literatura pode ser vista em *Cartas Negras*, como objeto constitutivo das representatividades enunciativas. Há, portanto, nesta escrita literária o registro de vozes que buscam efetivações de seu lugar discursivo: mas será que as reivindicações de mulheres negras são ouvidas?

No discurso de Marx (2013), o materialismo histórico indica a mobilização narrativas históricas para compreendermos que a situação das mulheres negras é percebida mediante o entendimento de fenômenos que marcaram os discursos de mulheres negras a partir da infraestrutura, marcada pelas leis econômicas e sociopolíticas, e da superestrutura, marcada por fenômenos ideológicos.

O eixo da materialidade histórica permite a percepção do lugar e das histórias dos sujeitos em relação aos fenômenos sociais. Nessa infraestrutura e superestrutura é que se instaura o discurso dos modos como se materializa, ou seja, de como é possível identificar as iniciativas das mulheres negras, por meio de manifestações literárias em que está em jogo o uso da língua enquanto texto.

De acordo com Pêcheux (2015), a psicanálise, discursivizada por Lacan, revela a manifestação de sujeitos, neste caso as mulheres negras, em seu contexto de imaginário social ou de inconsciente que se reformula a cada dado novo. Notadamente, a partir desse elemento é que observamos o funcionamento discursivo das práticas sociais por meio do uso da linguagem. Ora, a linguagem nada mais é a escrita literária revelando a fruição do inconsciente em confluência com o real, com o simbólico e com o imaginário.

A tentativa de se fazer ouvir as vozes manifestadas através da escrita em *Cartas Negras*, aprofunda o entendimento de que os discursos utilizados como constituição literária dão sustentabilidade às posições-sujeito de quem se manifesta de um sem-lugar para o do acontecimento discursivo.

A partir desse sem-lugar, e seguindo a linha reflexiva de Ribeiro (2017), problematiza-se, por exemplo: será que a mulher negra tem seu lugar de fala reconhecido? Quais discursos de emancipação e de empoderamento estão presentes na obra analisada? Até que ponto estas cartas funcionam como objeto de discurso para o reconhecimento ou silenciamento das “vozes-lettras” de mulheres negras?

### **Bases teóricas para o estudo das *Cartas Negras***

Abordamos, neste tópico, a vertente de que o projeto *Cartas Negras*, pode suscitar reconhecimentos para múltiplos saberes. Dessa maneira, os embasamentos teóricos da literatura contemporânea estão pautados nos estudos de Dalcastagnè (2012). No contexto do feminismo negro, utilizamos Ribeiro (2017).

Dalcastagnè (2012) enfatiza a necessidade de uma revisitação da produção literária atual, para tornar audíveis as vozes e os discursos de escritoras que se encontram, muitas vezes, à margem. Nesse sentido, ela explica:

Ao estudar um escritor contemporâneo, categorizado em literatura marginal, como é, por exemplo, - Conceição Evaristo, mulher, negra, pobre, moradora da periferia de Belo Horizonte, ex-empregada doméstica -, precisamos transferir para sua obra nossa própria legitimidade como estudiosos. Sem isso, não conseguimos trazê-la para dentro do universo acadêmico (DALCASTAGNÈ, 2012, 09).

No campo dos estudos das produções literárias atuais, percebemos que a literatura só consegue romper com hierarquizações quando o ensino de literatura não privilegia, apenas, a literatura clássica.

Analisar as discursividades, pelo viés da sustentabilidade, significa poder dar voz a uma literatura, “dita” marginal. Conforme enfatiza Dalcastagnè (2012, p. 12) a compreensão sobre literatura extrapola seus próprios limites, pois ela “circunscreve espaços de diferentes expressões, o que corresponde a modos de manifestação de diversos grupos, não apenas de alguns, ou ainda, de exclusão de alguns”.

O que buscamos nas cartas em análise, como espaços possíveis de posições discursivas e sustentáveis das mulheres negras, pressupõe, segundo Perrone-Moisés (2016, p. 28), em perceber que “a literatura não é um fato literário homogêneo, antes é uma série em constante evolução”. Nesse sentido, os aspectos de valorização a partir do estudo da literatura marginal, podem levar em conta o lugar de vozes marginalizadas que estão inseridas no espaço literário.

As representações que se encontram nas narrativas contemporâneas estão centradas na valorização da condição humana. Afinal, os discursos analisados dizem respeito à valorização da mulher em processos emancipatórios, sejam eles considerados regularizados ou não.

O lugar de fala das mulheres negras é a revelação do não silenciamento de suas vozes ou de seu lugar social. Nesse sentido, as mobilizações teóricas de Ribeiro (2017) evidenciam que esse lugar não se limita ao uso de palavras sem conotações ideológicas e políticas. Antes, seus discursos estão centrados na perspectiva de seu funcionamento, pois, segundo Pêcheux (2015), as palavras indicam cenas enunciativas que percorrem caminhos de discursos-outro.

É preciso reconhecer o uso da palavra discurso, ou seja, não pensar discurso como um amontoado de palavras ou concatenação de frases, que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura um determinado imaginário social (RIBEIRO, 2017, p. 56).

Em linhas gerais, os discursos de mulheres negras congregam em suas palavras a busca por posições sociais. Notadamente, as *Cartas Negras*, no alinhamento aos anseios das mulheres potencializam a busca pelo lugar de fala que, na maioria das vezes, se encontra silenciado pelos discursos de poder e controle.

## Uma perspectiva das discursividades de sustentabilidade em *Cartas Negras*

Neste tópico, problematizamos o modo como a literatura pode fornecer bases para a percepção de discursos de sustentabilidade das mulheres negras. Nesse sentido, selecionamos como *corpus* de análise o projeto *Cartas Negras*, considerando-o uma ampla ferramenta de reflexões sobre o lugar de fala e do universo da mulher negra. Essa escolha foi resultado de uma motivação que nos permitiu ver a literatura, também, como um espaço de falas sociais.

Antes de iniciarmos as análises das discursividades de sustentabilidade do referido projeto, esclarecemos que elas surgiram da percepção da troca de cartas por um grupo de mulheres negras lideradas por Conceição Evaristo. Essas cartas, segundo Evaristo (2007), falavam além de si, pois revelavam os sentidos de sua própria vida ao tentar fugir de sua dura realidade na favela, conforme seu próprio comentário:

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava

um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar (EVARISTO, 2007, p. 17).

O projeto *Cartas Negras* teve início em 1990 por um grupo de escritoras negras, sendo elas: Miriam Alves, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães e Conceição Evaristo. Naquela época, esse grupo recebeu o nome de “vozes-mulheres”, pois se propunha ao registro de diferentes reflexões interseccionando com os projetos de vida e de literatura dessas mulheres.

Em momentos posteriores, este projeto alcançou outros espaços e novas configurações. Um deles foi o de sua divulgação pela Fundação Itaú Cultural no ano de 2017 no evento denominado “Ocupação Conceição Evaristo”, o qual oportunizou o renascimento do movimento anteriormente chamado de “vozes-mulheres”. Dessa vez, Evaristo ampliou o convite para outras mulheres escritoras negras, além de redefinir as reflexões para o contexto de “vozes-letras”, termo que também adotamos no título de nosso artigo.

A nova configuração permitiu que as “vozes-letras” ganhassem a colaboração de outras escritoras negras, a saber: Ana Cruz, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral, Débora Garcia, Elizandra Souza, Jenyffer Nascimento, Lívia Natália, Mel Adún e Raquel Almeida. É, portanto, a partir de alguns trechos das cartas destas escritoras que mobilizamos a análise discursiva em perspectiva de sustentabilidade para delas inferirmos seus três princípios básicos: profundidade, durabilidade e amplitude.

Evaristo (2017), com o projeto *Cartas Negras*, buscava dar autonomia e visibilidade às vozes das mulheres negras como uma forma de enfrentamento do não reconhecimento de suas expressividades em espaços sociais. Assim, em sua fala sobre as possíveis mudanças sociais, o ânimo das mulheres negras sai de um lugar inicial para o de novas conquistas. Por isso, ela projeta o reconhecimento de suas “vozes-letras” a partir das mobilizações realizadas em 1990. Nesse viés, destaca:

De lá para cá, alguma coisa mudou. Mas acho que, se formos pensar na posição ou no lugar das autoras negras, o que mudou foi muito pouco. As dificuldades que temos para publicar, para divulgar nossos nomes... Temos de reconhecer que alguma coisa mudou, mas ainda é muito pouco (EVARISTO, 2017, p. 20).

No centro de um acontecimento discursivo, que também assume a noção de espiralar, compreendemos que a sustentabilidade das “vozes-letras” de mulheres negras representou, e ainda, representa os ideais de transformações sociais.

De modo crítico, o discurso de sustentabilidade manifesta sua presença perante a percepção das decisões tomadas e impulsionadas pela força de mulheres em busca de espaços de valorização social. Assim, conforme afirma Evaristo (2008), há um processo de reconstrução da imagem das mulheres que deve ser feito para jamais se esquecer de que a luta de alguns está voltada para beneficiar a coletividade, tal qual se constata em sua exposição:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (EVARISTO, 2008, p. 34).

O resgate de vozes manifestadas em momentos oportunos deve ser visto como atitudes que fundamentam os discursos futuros. Isso significa, nas palavras de Evaristo (2017), que os ecos registrados em palavras representam os discursos de mulheres negras se tornando presente em

suas diferentes épocas.

De voz em voz, ou melhor, de letras em letras, compreendemos que as narrativas atuais (e as *Cartas Negras* estão nesse contexto) fornecem reflexões para a percepção dos princípios da profundidade, da durabilidade e da amplitude dos objetivos de mulheres que têm suas manifestações sociais reprimidas ou negadas ao longo do tempo.

É fato que as “vozes-letras” surgiram do imaginário visto, conforme Jean-Jacques Wunenburger (2007, p. 20), como “um mundo de representações”. A partir daí, podemos reconhecer possíveis manifestações de mulheres de um espaço “sem-lugar”, termo adotado por Pêcheux (2015), para problematizar uma nova posição-sujeito. Tal posição nos permite compreender que as mulheres negras estão em busca do lugar de fala (RIBEIRO, 2017), que é também o de onde se projeta os anseios de grupos minoritários sufocados, até certo ponto, pelos hegemônicos. Esse sufocamento é uma forma de silenciamento das mulheres negras.

Na perspectiva de se atingir o lugar de reconhecimento, e de uma sustentabilidade que representa a vivência em espaços sociais movidos pela dignidade, as cartas das amigas escritoras negras daquele grupo projetam aos olhos da sociedade atual a situação de mulheres produzindo discursos em prol de um reconhecimento equitativo.

Oportunamente, falar do universo da mulher negra significa muito mais que o simples registro de histórias. Nesse sentido, o materialismo histórico (o conhecimento da caminhada histórica de mulheres negras) não apenas revela a confluência entre a passagem de luta dessas mulheres e de suas perspectivas de vida, mas indica, antes de tudo, que a literatura pode propor um exercício de reflexão sobre questões que marcaram a trajetória de mulheres negras. É, portanto, desse lugar de luta que nossa análise justifica a sustentabilidade de mulheres silenciadas social e coletivamente. Afinal, segundo Maurice Halbwacses (1990), fazer ecoar discursos de superação é permitir que as vozes sejam ouvidas e compreendidas em prol da coletividade negra.

A reflexão sobre a historicização do feminismo negro, conforme acentua Ribeiro (2017), aponta perspectivas centradas no enfrentamento de discursos hegemônicos que, na maioria das vezes, são cristalizados como opressores das minorias. Nesse contexto, os discursos do grupo liderado por Evaristo (2017) são passíveis de corresponderem à sustentabilidade de objetivos e sonhos das mulheres negras.

Buscando aproximações com a Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2015), as bases de nossa análise fundamentaram-se nas transcrições de trechos das “vozes-letras” de algumas das cartas das amigas de Evaristo. Esclarecemos que esse procedimento foi adotado porque implica possibilidades de sustentabilidade de um projeto que tomou os discursos das mulheres negras como ações de resistências, ou melhor, de atitudes em projeções de realização social.

Os discursos das amigas de Evaristo tomam o lugar do reconhecimento, que também é o lugar de fala, e de relevância dos tempos em que se reuniam para o início e a consolidação do projeto *Cartas Negras*. É desse lugar que percebemos, segundo Evaristo (2017), a importância de se manter pulsante determinadas iniciativas, conforme vemos no seguinte trecho:

Amiga, aqui estou novamente. As saudades são tantas e o receio também. Por isso quase desisto de buscar a sua casa, moradia que tanto me aquece. E se não nos encontrarmos mais? E se você tiver me colocado em algum lugar de uma defensiva deslembança? E se o silêncio que se alojou em cada uma de nós provocar um efeito amnésico apagando nossas fraternais experiências vividas em tempos anteriores? (EVARISTO, 2017, p. 22).

O discurso enunciado por Evaristo revela que elas, possivelmente, tinham medo do apagamento de suas conquistas. Por isso, escreviam suas cartas para registrar as iniciativas de suas lutas e de suas resistências. Temos, portanto, nos discursos de Evaristo a noção de sustentabilidade profunda, pois é um projeto que almeja o combate de possíveis esquecimentos.

A voz que emerge de um lugar específico, o lugar de mulheres negras em busca de outros lugares, indica as possibilidades de valorização e de reconhecimento de esforços silenciados ou desvalorizados. Nesse sentido, os momentos de conversas entre as amigas escritoras foram fundamentais porque resultaram no registro de cartas indicando a sustentabilidade de discursos

que não foram apagados, mesmo que ameaçados ao longo da trajetória histórica.

As iniciativas e as resistências vividas em meio às marcas deixadas em determinados espaços ocupados, ou pelo menos nas tentativas dessas ocupações, discursivizam a busca para a ocupação de outros lugares sociais. Pois, lembrar-se do chão, conforme destaca Evaristo (2017), significa experimentar a durabilidade de seus discursos. Nessa inferência, vejamos sua rememoração:

Você se lembra do chão onde firmamos nosso pacto? Creio que, se olharmos o solo, ainda veremos fortes vestígios de nossos passos, que vierem de longe, de muito longe. Veremos pegadas de mulheres que se inscreveram em nossa vida, antes mesmo de nossas escritas tomarem formas concretas de publicações (EVARISTO, 2017, p. 22).

As “vozes-letras” manifestadas nos discursos de Evaristo (2017) revelam o sentido histórico de mulheres negras que iniciaram suas lutas por meio de fecundas iniciativas, concretizadas nas missivas. Por isso, um de seus pontos de destaque está centrado nas escritas que saíram do lugar de silenciamento para o lugar de publicação. É a partir dessa publicação que o lugar de fala, agora registrado em palavras, ou seja, em epistolografias, busca a realização social.

Os discursos sobre a sustentabilidade de vozes empoderadas no projeto *Cartas Negras* revelam a celebração de iniciativas em pretensão de atingir diferentes lugares de fala. Desse modo, o projeto em epígrafe apresentou discursos sustentáveis porque permitiram oportunidades de reconhecimento e de valorização das mulheres negras, inclusive como um processo fecundo registrado por Evaristo. Vejamos, a seguir, alguns desses apontamentos:

Então, amiga? Foi um momento tão fecundo. Havia tanta intenção em nossa fala-sentimento que entendi nossos gestos da hora como uma celebração do nascimento de uma criação que se multiplicaria entre nós. Você se lembra do momento primeiro da fecundação destas *Cartas*? Um acasalamento em grupo de vozes-mulheres. Nossas vozes (EVARISTO, 2017, p. 23).

As análises que mobilizamos, teorizando as “vozes-letras”, percorrem contextos da vida social. Pois, o conjunto das cartas traz “escrevivências”, termo cunhado por Evaristo (2017), para dizer que a escrita é o que nasce do cotidiano, das lembranças e das experiências vividas, inclusive de tudo o que se realiza nos espaços sociais.

A respeito das discursividades de sustentabilidade propostas como objeto constitutivo deste artigo, utilizamos como metodologia de nossa análise a análise de discursos contidos em algumas das cartas escritas pelas amigas de Evaristo, sendo elas: Ana Cruz, Ana Maria, Cristiane Sobral, Débora Garcia, Elizandra Souza, Jenyffer Nascimento, Lívia Natália e Raquel Almeida.

Analizamos que as “vozes-letras” da amiga Ana Cruz discursam a sustentabilidade de se acreditar nas mínimas e exitosas ações quotidianas. Afinal, o que se diz, ou melhor, o discurso sustentável é aquele que fornece sugestões para se chegar ao final dos mais árduos caminhos. Nesse contexto, as palavras desta epistolografia assumem, o lugar de representatividade da existência feminina, ou melhor, de seus possíveis protagonismos (RIBEIRO, 2017). Vejamos, como explicitado no fragmento a seguir:

Amiga, estou muito feliz em receber sua carta completamente inspiradora. Como sempre, suas palavras continuam nos apontando diferentes caminhos e nos possibilitando construir inúmeras reflexões sobre nossa vida e sobre nosso lugar neste mundo, como mulheres negras da luta por diferente protagonismo (EVARISTO, 2017, p. 28).

O discurso sobre o lugar de fala das mulheres negras é apresentado nesta afirmativa como uma luta hercúlea, porém capaz de se fazer ouvir as vozes de quem se encontra sufocado ou sem a legitimidade de vivência em seus espaços sociais. Há, na verdade, a tradução da percepção de mulheres negras lutando por espaço social mais digno. Consequentemente, isso se efetiva quando

as forças das mulheres se unem pelo viés de uma efervescência reflexiva.

As “vozes-letras”, ora discursivizadas, apontam que experienciar objetivos significa traçar caminhos de valorização da mulher negra. Nesse sentido, o discurso de Ana Cruz centraliza a percepção da mulher em relação ao sexismo, (é importante considerar a força do feminismo negro) e ao racismo, conforme ela comenta:

Demorei bastante para elaborar nosso encontro, mas, com o tempo, percebi o tamanho de sua sabedoria. Sabedoria essa construída a partir da longa experiência de luta e enfrentamento ao sexismo e ao racismo, na trajetória de construção de sua carreira como escritora e como intelectual. Imagino quanto você necessitou evocar todos os dias suas convicções, exprimindo delas forças e resiliência para subverter os olhares cruéis do racismo (EVARISTO, 2017, p. 30).

O princípio da profundidade das “vozes-letras”, conforme enunciado pela amiga Ana Maria, revela outras discursividades de sustentabilidade. Dessa vez, elas estão centradas em ajustar as conversas mediante o aproveitamento do tempo que gira sem retornar em seu viés espiralar. Nisso, o planejamento da escuta e do registro da palavra deve ser feito em situações de tranquilidade ou não. O importante é que essas palavras se façam ouvir ou que sejam lidas. O fragmento, a seguir, exemplifica:

Talvez o silêncio, talvez a distância, talvez o tempo faça a gente girar em sentido contrário, fora do eixo, do prumo, do sentido apontado por estes passos que seguimos. Ajustemos os corpos, pois! Sentemos em roda. Seja falando todo mundo junto, neste arrebatamento feroz de vida e de ação que nos consome, seja parando para a escuta que mais que colo, seja no silêncio que nos faz ler nos olhos em vez de bocas (EVARISTO, 2017, p. 32).

A necessidade de trocas é não apenas o de um diálogo simplesmente estabelecido. Antes, falar e ouvir é um princípio de amplitude projetando outras realizações. O que se diz desse lugar através da escrita é uma manifestação de discursos presentes no materialismo histórico, que valoriza o imaginário social como a base fundante de emancipações ou empoderamentos.

Nas “vozes-letras” constitutivas destes cursos, a amiga Ana Maria, apresenta o discurso de que a força da mulher negra significa um ritual de passagem que não se limitou à força da história, mas que está associado com suas escrevivências. Esse discurso se mostra perceptível nos dizeres da “capacidade de transmutação que os corpos negros, quando juntos, parecem resgatar de uma tradição que atravessa o tempo, que atravessou outros corpos, que nos remete para o futuro”. (EVARISTO, 2017, p. 33).

Nas “vozes-letras” da amiga Cristiane Sobral, percebemos as discursividades funcionando pelos sentimentos de sustentabilidade resgatando o que conquistou ao longo das mais árduas iniciativas. Lá no início de 1990 a ideia de se ouvir os anseios de mulheres negras levou-as a um reconhecimento mais digno. Nesse sentido, o resgate dessas vozes deu ânimo a uma sólida história. Percebemos isso no seguinte trecho:

Confesso que receber notícias suas renovou a minha disposição de vida porque, olhando daqui a Terra parece um planeta disposto a castigar os seus habitantes com o decreto da solidão infinda. Mas ninguém que tem o passado sob os seus pés está só. Este globo é também um território sagrado onde somos fortalecidas pelas nossas raízes (EVARISTO, 2017, p. 34).

A força e a determinação da amiga Cristiane Sobral revelam notas de esperança surgidas do passado, porque explicam os motivos da produção das cartas. Isso significa demarcar os caminhos da esperança, pois aos poucos a potência da palavra revelará mensagens de superação a um mundo

que procura manter certos discursos canônicos e hegemônicos.

Os discursos constitutivos de cada carta extrapolam a rigidez ou a estrutura de cada palavra, pois eles são percebidos como interlocuções entre estas escritoras, que buscam por meio de suas escritas as alegrias para a sobrevivência. Nesse sentido, e na linha de Pêcheux (2015), as expectativas das mulheres negras mobilizam discursos de suas múltiplas produções identitárias, carregadas de subjetividades e de intersubjetividades.

A tentativa de silenciamento das mulheres negras, conforme refletido pela amiga Cristiane Sobral, assume a forma de denúncia sobre o racismo. Desse lugar de fala, ou desse lugar de escravidão, os discursos discriminatórios percorrem as vias da justiça para, possivelmente, galgar de seus direitos. Por esse esforço, as “vozes-lettras” levam ao teor da essência social as insistências tematizadas nos discursos dessas mulheres. Essa vertente indica, de certo modo, a necessidade de se derrotar a invisibilidade (EVARISTO, 2017) escondida através de máscaras estereotipadas.

A importância das “vozes-lettras” é refletida também pela amiga Débora Garcia. Observamos que sua discursividade sustentável toma como objeto o lugar de mulheres que sentem motivadas para o enfrentamento da luta diária. Há, portanto, na força desse grupo de mulheres negras a potencialização de caminhos futuros. Vejamos, a seguir, alguns desses apontamentos:

Não quero mais ausentar-me da roda onde aprendi a ginga, a esquivar e o ataque. [...]. Nosso ciclo se retroalimenta neste diálogo intergeracional, com o qual podemos potencializar as vozes-lettras de ontem, hoje e de amanhã (EVARISTO, 2017, p. 39).

No trecho da carta, acima referenciada, percebemos que a discursividade da sustentabilidade está ancorada no princípio da durabilidade (HARGREAVES; FINK, 2007). Afinal, as vozes atuais potencializarão os sentidos de vozes já ditas para o universo de outras vozes carregadas de suas respectivas problematizações.

As “vozes-lettras” da amiga Elizandra Souza, indicam discursividades de sustentabilidade centradas na esperança de se superar a invisibilidade e de se andar de mãos dadas sem que haja discriminação e que os direitos das mulheres aos espaços sociais não sejam negados.

Segundo Pêcheux (2015), a representação dos sentidos, a partir do uso da língua através da escrita das cartas de mulheres negras, favorecem o entendimento de que as normalizações linguísticas servem, também, para marcar as vozes enfrentando ondas, mas sem se deixar naufragar. É, portanto, com base em Pêcheux (2015, p. 51), que a “língua manifesta suas transformações, suas normas, suas ações estabilizadas” em determinado espaço discursivo, pois esse espaço é, para as amigas, o sentido e a crença em horizontes de realizações, pois ao se “[...] refazer o pacto das escritas negras um movimento de alicerce para que nenhuma das tranças sejam desfeitas e possamos de mãos dadas caminhar por novos horizontes (EVARISTO, 2017, p. 41).

As “vozes-lettras” da amiga Jenyffer Nascimento apresentam discursividades de sustentabilidade centradas na esperança e no sucesso do enfrentamento das mazelas e dos silenciamentos históricos que marcaram suas vidas ao longo da amizade que serviu como meio de libertação do sofrimento social. Nesse sentido, as vozes das mulheres negras encontram um meio de serem ouvidas, pois a escrita leva seus clamores ao lugar de resistência, resgatando, inclusive, essas mulheres da condição de silenciamento. A esse respeito, vejamos um trecho desse registro:

Para mim é uma grande honra e alegria poder comungar da confraria de mulheres que carregam em suas trajetórias a sina da escrita. Digo sina porque entendo onde a palavra dói e onde ele liberta, neste chão miúdo em que nós, escritoras negras, fazemos morada. Das portas abertas e fechadas para nós. Dos silenciamentos que ainda vigoram, mesmo que estejamos bradando alto e forte. Do apagamento e invisibilização das (r) existências das gerações anteriores e das atuais. Da teimosia na escrita das vozes negras e periféricas, ao driblar o cotidiano e o tempo do relógio para ir além do improvável (EVARISTO, 2017, p. 51).

Notadamente, as mulheres negras, segundo constatamos nestas cartas, sempre tiveram inúmeros desafios. Por isso, a escrita funcionou como um meio de libertação e de contraponto aos mais desafiadores meios sociais, pois estas mulheres produziram uma literatura, capaz de revelar as diversas formas como elas são vistas, como são aceitas e como seus discursos manifestam perspectivas de direito à vida e de afirmação social.

No contexto dos registros epistolográficos que sinalizam saídas do silenciamento, as “vozes-letras” da amiga Lívia Natália revelam discursividades de sustentabilidade ancoradas na expressividade social do próprio projeto *Cartas Negras*. Afinal, ele permitiu uma passagem do espaço oprimido ao de revelação de seus objetivos e sonhos.

Tenazmente, observamos na fala desta amiga o discurso de que a escrita é uma maneira de tecer a vida em meio aos mais desafiantes percursos. Por isso, o discurso de liberdade de expressão é registrado como a melhor das realizações, conforme apresentamos no seguinte trecho:

Amiga querida, o silêncio sempre foi a nossa fala. Nós, mulheres negras, tecemos a vida no silêncio, e apenas por isso escrevemos. Não sei o que foi feito do desejo de encontro das primeiras mulheres que se juntaram para escrever as cartas, mas eu sei que as águas se encontram. Sejamos lama, salgada, doce, chuva, seja qual for nossa natureza, corremos umas para as outras, e foi assim que, há alguns anos, na Universidade de Brasília, as minhas águas ainda jovens demais se encontraram (EVARISTO, 2017, p. 52).

Os atos de fala constituídos nas cartas analisadas neste artigo extrapolam os espaços da escrita. Pois, conforme afirma Pêcheux (2015), o discurso não é o que se registra em palavras, mas os sentidos que essas palavras produzem nos lugares ocupados pelos sujeitos em seus espaços de interlocução. Desse modo, os espaços sociais das mulheres negras se efetivam quando se tem a escrita como uma ferramenta para se consolidar o que “escrevemos para sobreviver ao mundo e para eternizar, nas nossas vozes, as falas das mulheres silenciadas” (EVARISTO, 2017, p. 53).

A problematização apresentada nesse trabalho levanta questões de como a literatura e a escrita funcionam como um instrumento para se fazer ouvir as vozes de mulheres negras silenciadas. Assim, a linguagem é um meio de libertação, pois, ela cria condições para efetivar a construção de identidades sociais, como percebemos no relato de Evaristo:

O silêncio sempre será nossa fala, mas a nossa literatura não calará jamais. Ela morará na dobra das orelhas, no vinco bem pinçado do canto da página, na digital dos dedos que acariciam nossos livros. Para isso fomos feitas, escrevendo. Mandamos embora o silêncio que nos impuseram e construímos outro, onde irmanamos nossos sonhos nos apoiando nas asas umas das outras (EVARISTO, 2017, p. 54).

A nossa discussão de sustentabilidade se faz presente nas *Cartas Negras*. As enunciações proferidas pelas amigas engendram ideologias de empoderamento. Nesse contexto, observamos as diferentes reivindicações que conferem um lugar de sustentabilidade discursivas. Nesse sentido, as cartas podem revelar princípios da profundidade, da durabilidade e da amplitude.

As “vozes-letras” da amiga Raquel Almeida apresentam discursividades de sustentabilidade voltadas para o reconhecimento social de mulheres negras, que acreditaram na força de seu grupo pelo uso de palavras revelando os sentidos de suas interlocuções ideológicas, frente ao jogo social (PÊCHEUX, 2015). Com detalhes, ela revelou o quanto estas cartas as motivaram para suas existências. Isso solidificou-se porque as “*Cartas Negras* sempre estiveram presentes informalmente em nossa escrita, nos abraços e miradas na bolinha dos olhos. [...] Sigamos então bolando estratégias na construção e na colheita de bons frutos” (EVARISTO, 2017, p. 62).

Notadamente, as cartas do grupo de amigas participantes do projeto *Cartas Negras*, revelaram-nos discursividades de sustentabilidade indicando possibilidades de conquistas sociais pelos esforços coletivos. Além disso, quando observamos os possíveis modos de enfrentamentos dos silenciamentos, isso torna-se uma tarefa hercúlea. Desse modo, as “vozes-letras” de mulheres

negras funcionam como discursos centrados em possibilidades de se levar aos ouvidos, olhos, vozes e letras de outros sujeitos, motivações à quebra de outros silenciamentos sociais.

### Considerações Finais

As reflexões constitutivas deste artigo problematizaram que as discursividades proferidas pelas “vozes-letras” de mulheres negras, por meio do projeto *Cartas Negras*, de Conceição Evaristo, estão centradas em princípios de sustentabilidade porque revelam iniciativas de mulheres que saem das condições de silenciamentos para a ocupação de lugares sociais mais dignos.

O estudo literário, como é o caso de *Cartas Negras*, permite o descortinamento de sujeitos em busca de lugares emancipatórios. Pois, segundo observamos no projeto liderado por Evaristo (2017), seus registros não apresentam, apenas, experiências de uma escritora, mas também, de uma mulher negra que viveu as angústias, as dificuldades registradas em seus diferentes textos. Nesse sentido, cada uma das cartas de suas amigas revela perspectivas de mulheres negras em seus espaços de luta, ou seja, de superação dos processos sociais hegemônicos.

No contexto da reflexão inicial, percebemos que o foco da sustentabilidade oportuniza a vivência dos princípios difundidos por Hargreaves e Fink (2007). Por isso, a profundidade, a durabilidade e a amplitude da literatura podem apontar para a problematização do estudo de *Cartas Negras* como mecanismo de valorização das mulheres negras. Nesse contexto, a análise dos discursos das “vozes-letras” de Evaristo e de suas amigas escritoras potencializam a conquista do lugar de fala das mulheres negras.

À guisa conclusiva, mesmo sabendo de outras possibilidades de análise para o texto literário, entendemos que as reflexões apresentadas neste artigo nos permitem compreender que as discursividades de sustentabilidade oportunizam o alcance da posição-lugar de mulheres negras saindo de espaços silenciados para os de reconhecimento e de valorização de suas falas, também entendido como lugar de emancipação.

### Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Marcos Antônio Alexandre, org. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ocupação Conceição Evaristo**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARGREAVES, Andy. FINK, Dean. **Liderança sustentável: desenvolvendo gestores de aprendizagem**. Tradução Adriano Moraes Migliavacca. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. Eni Orlandi, 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG); Letramento: Justificando, 2017.

\_\_\_\_\_. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em 29 de novembro de 2018.

Aceito em 25 de março de 2019.